

*“Todo o sistema capitalista está
relacionado com a mulher como
objeto de desejo”*

Fabiana Faleiros

Fabiana Faleiros

Houve uma decisão da tua parte de “quero/vou ser artista”, já que tu vens do campo da comunicação?

Eu me formei em Publicidade e Propaganda, em Pelotas(RS), mas nunca trabalhei como publicitária. Eu vim para São Paulo e tinha muitas ideias, queria fazer muitas coisas, mas eu era muito tímida, tinha muita vergonha. Então eu comecei a escrever, fiz uma pequena publicação de poesias baseada no Getty Images, um banco de imagens para publicidade que eu usava muito nos trabalhos de comunicação visual que eu fazia. Fui convidada para expor aqui em São Paulo, na Galeria Vermelho, trabalhos que já tinham essa relação do espaço público com a Internet. Nessa época eu estava fazendo mestrado em Semiótica. Eu tinha muita influência destas pessoas que mexiam com arte e tecnologia, mas eu passei a achar a coisa tecnicista demais. Eles tem uma visão super objetivada e despolitizada sobre a arte. Ao mesmo tempo, eu também fazia aula no Núcleo de Subjetividade com o Peter Pal Pelbart, então eu fiquei entre um espaço ultra subjetivo e muito objetivo, e eu fui tentando me encontrar, mas foi bem devagar, porque eu ainda trabalhava.

Tu estavas iniciando teu percurso como artista, fazia mestrado e trabalhava. Essa é uma das questões que se vê bastante nas bibliografias sobre o mercado de trabalho – a dupla, tripla, quádrupla jornada de trabalho/dedicação parece ser um retrato contemporâneo. E com as mulheres não é diferente, pelo contrário.

Isso é um sintoma da nossa época. É exigido isso, que a gente seja várias coisas ao mesmo tempo, e também há uma oferta muito grande de subjetividade – posso ser o que eu quiser. Vou consumir essa *persona* que é múltipla. Eu sou muito assim, mas, na verdade, meu caminho foi uma perdição.

Por quê?

Por uma questão de planejamento. Primeiro eu fiz Publicidade, depois fiz mestrado em Semiótica, e eu fui me formando nessa coisa meio atrapalhada. Mas eu também gosto, porque eu não conseguiria ficar só no circuito da arte. Eu acho esse circuito

muito ensimesmado, muito autofágico. As pessoas carregam uma ideia de que ser artista é te afundares no teu próprio trabalho. Eu tive uma experiência muito interessante, porque fui professora em 2008 e foi terrível.

Terrível?

Sim. Era uma universidade “fábrica de diplomas”; sessenta alunos em sala de aula e eu sofri muito preconceito, principalmente das alunas, porque eu tinha 28 anos, era bonitinha, e havia essa resistência delas em relação à minha posição de professora. Eles estavam sempre me colocando à prova. Depois eu fui dar aula em uma ONG, o Instituto Acaia, de letramento digital para crianças de duas favelas de São Paulo, na Zona Oeste. Então, eu comecei a ter uma experiência muito interessante. Meus projetos tinham a ver com Internet, então, cheguei lá com uma proposta de fazer blogs de literatura com os alunos, mas o que aconteceu é que eles só queriam escutar funk! Eu já tinha uma relação com o hip hop por causa do meu trabalho de conclusão de curso, em que eu fotografei a cena hip hop de Pelotas. Eu tinha um grande interesse por esse tipo de estética, de sonoridade e de relação com política, com mundo, de se posicionar através do microfone, através da fala. Eu comecei a escutar o funk e a gostar. Eu percebi que aquilo era muito interessante como forma de apropriação do mundo.

E foi aí que o funk entrou como elemento da tua produção?

Sim, foi aí. Comecei a fazer o *Projeto Passinho*, em que eles ensinavam uns aos outros a dançar e a gente colocava os vídeos no Youtube, pra ter essa relação da Internet com a vida deles. Então eu comecei a fazer umas coisas com o Rafael RG, nessa dupla chamada RG Faleiros.

Como foi a formação desse trabalho em dupla com o Rafael?

Eu conheci o Rafael nessa coisa chata das vernissages. A gente começou a fazer coisas que nem encarávamos como projetos artísticos, como, por exemplo, ficar dançando no meio da Rua Augusta. A gente queria ocupar o espaço público – o espaço da rua como uma festa. Então passavam os carros “tunados”, tocando funk. Ali se cruzam todos os tipos de gente; os que gostam de música eletrônica, de funk, etc. Ali no Baixo Augusta, onde havia o Bar do Netão, que agora nem existe mais, havia muito esse preconceito com o funk. Mas esses carros passavam e paravam e era o encontro perfeito! A gente não precisava nem do *soundsystem*. Ficávamos muito na rua, com megafone, falando coisas nas galerias. A gente passava na frente das galerias tocando Banda Dejavu, que é uma banda de Belém do Pará que faz versões de músicas tipo as da Beyoncé, mas em ritmo tecnobrega. Só que como nós estávamos na rua, vinha polícia e dizia “Não pode!”.

Vocês foram abordados muitas vezes?

Sim, fomos.

E que reações as pessoas tinham sobre o teu trabalho e essas intervenções?

Na rua, era bem interessante. As pessoas participavam, dançavam, eram muito receptivas. Mas, no circuito das artes, não. Nós sofríamos um certo *bullying*, porque chegávamos lá falando coisas um pouco agressivas, mas com o objetivo de quebrar aquele clima meio *blasé* de "Oh... Circuito das Artes...".



Lady Incentivo: novas formas de amor e de gravar CD | performance | 2013-2014
(foto Bia Ferrer)

E além desse circuito das artes brasileira, vocês chegaram a ir para o exterior, certo?

Sim! Em 2012, surgiu o convite para a gente ir a Berlim participar do festival *Camp/ Anticamp: a queer guide for everyday life*. Foi um momento super importante, porque tive a sensação de que no Brasil não havia este reconhecimento. Esse festival era sobre cultura *queer* e havia várias performances. A gente fez parte de uma curadoria do Max Jorge Hinderer Cruz, chamada *Tropicamp*. Apresentamos o *Linha Amarela*, que foi um documentário que fizemos, e eu também cantei a música *Mulher também tem cu*.

Como surgiu essa música, *Mulher também tem cu*?

Como nós estávamos trabalhando há um bom tempo na rua, houve uma hora em que ficamos carentes. É muito pesado ter esse papel de trazer o êxtase para um espaço que está decaído. A gente precisava ficar dentro de um espaço, e começamos a fazer os *in-door projects*. Chegamos em um prédio aqui do centro de São Paulo onde tem essas festas *underground* da VoodooHop, do Carlos Capslock, e a gente começou a fazer intervenções. Eu costumava cantar no megafone, e o DJ Thomas Haferlach me chamou para fazer uma intervenção no *set* dele. Eu comecei a fazer essa música *Mulher também tem cu*, ao vivo, na improvisação. Ela tinha muito este contexto de lugares que só tinham gays.

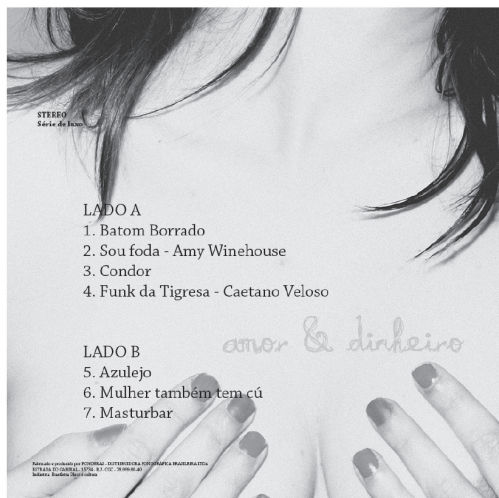
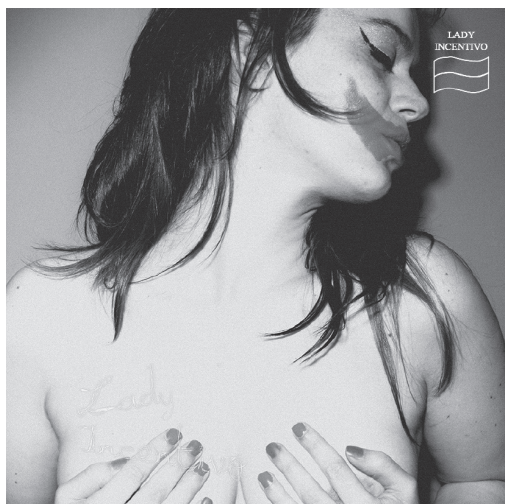
Mulher também tem cu tem esse sentido bem feminista, mas também tem essa questão de que, por haver muitos gays nesta cena, eu saía e não rolava nenhum tipo de relação. Eu cantei essa música em Berlim, mas tomamos muito cuidado com essa questão de ir para fora do Brasil porque a imagem que se tem lá é de uma coisa super sexualizada, que a gente é super livre, só que, na verdade, não é. Existe muito preconceito.

E foi então que essas questões de gênero e do feminino começaram a ser incorporadas no teu trabalho?

Foi a partir dessa música *Mulher também tem cu*. Foi uma coisa super espontânea, porque era o que eu estava sentindo e era um ambiente de uma festa, eu falei aquilo no meio da música e foi incorporado. Eu passei a perceber o quanto eu estava vivendo aquela situação de enfrentar o machismo. Essa cena dos DJs é super machista, a maioria dos DJs é homem e eu quis muito interferir nessa configuração. Além disso, quis colocar letras nas músicas, porque geralmente nessas festas as músicas eram eletrônicas e não tinham letra em português. Gente, estamos no Brasil! Qual é o problema de eu estar em uma festa e cantar uma música conhecida, uma música pop?

Então, eu fiz a *Lady Incentivo*, que é essa brincadeira com a Lei de Incentivo, pensando nesse contexto do feminismo. Eu fiz um projeto que se chamava *Novas formas de amar e de gravar CD*. Havia esse pensamento sobre o mercado fonográfico, que é uma coisa misteriosa hoje – já que não é mais aquela relação direta com a gravadora, mas com a Internet. Também pensava nessa sujeição do Estado ao dinheiro, porque os editais muitas vezes são movidos por isenções fiscais de empresas que colocam dinheiro na cultura. Mas o quanto a cultura não está vinculada a essa questão de as empresas quererem ser uma experiência, e não só produto? Tem essa questão política e feminista. Eu gravei o CD na Bienal porque lá tinha uma rádio chamada Rádio Mobile, em que qualquer um podia chegar lá e fazer o que quisesse. Então, por exemplo, tem a música da Amy Winehouse, "*I'm no good*", e eu fiz uma versão daquela música *Sou Foda*, daquele vídeo que fez sucesso na Internet. Então quando ela falava "*I'm no good*" eu falava "*Sou foda*". Tinha essa coisa da experiência feminina do canto, mas não desse canto doce que a gente está acostumada a escutar, era uma referência mais do funk, que é uma voz mais fácil de con-

seguir atingir, tem uma coisa muito forte da fala junto, de tu te posicionares como mulher.



Lady Incentivo: novas formas de amor e de gravar CD | 20" (CD) | 2012-2014

É um discurso muito potente.

Eu acho que tem uma coisa muito interessante quando as funkeiras pegam o microfone e passam a cantar, por exemplo, "Tou cansada de ouvir que você é prostituto / Chegou na hora H eu achei um absurdo / Só deu uma gozada e pediu para descansar". É uma coisa que não está relacionada diretamente com o feminismo ortodoxo, como se elas se reunissem para discutir, mas a coisa acontece ali no palco, justamente onde está a questão: só tem homem no palco fazendo funk, então elas habitam aquele espaço com a própria voz e não só como objeto de desejo e objeto de discurso masculino.

Há um extravase dessas questões dentro do funk, então?

O funk é muito um sintoma do que acontece no Brasil. O funk ostentação é o resultado de um desejo da classe C de consumir. Não tem nada acontecendo no Brasil tão forte quanto isso. É uma produção cultural, mas, ao mesmo tempo, política. Eu acho que tem de haver uma conversa entre esse pensamento acadêmico e esse tipo de coisa.

Podemos dizer que tu usas a performance e esses dispositivos para te aproximares do debate e de questões políticas?

Sim, mas eu gosto de deixar que um certo fluxo de consciência surja. Existe na fala e na

performance um fluxo de consciência que não está dentro desse domínio do projeto cultural, aquela coisa fechada – agora estou fazendo isso; agora estou fazendo aquilo. Instaura-se um palco onde não existe. Posso estar na rua e criar uma situação que vai virar um show. Esse espaço da celebração e da festa eu acho que é bastante político, porque as pessoas, em geral, vivem um trabalho que não tem nada a ver com elas e, quando chega o final de semana, elas vão para um espaço como se tudo tivesse que acontecer ali. Eu acho isso super importante, esse espaço da festa como uma coisa política, no sentido de viver aquele momento.

Eu lembro de um trabalho teu, *quien és esta niña? who's that girl?*, que é muito simples, mas parece que fala de tudo, gênero, política, crítica, arte, intervenção. Como surgiu a ideia deste trabalho?

Sim! O que aconteceu foi que, no meu projeto de doutorado, eu queria trabalhar um conceito que era "Inserções nos Circuitos Artísticos". O Cildo Meirelles, nos anos 1970, fazia *Circuitos Ideológicos*. Então, durante uma residência na Colômbia, eu comecei a reparar que não tinha rosto de mulher no dinheiro. Só tinha uma nota com rosto de mulher que era de 10 mil pesos. Então eu fiz essa intervenção ao pintar o rosto destes homens no dinheiro, e a representação do dinheiro está completamente associada ao poder. Eu fazia essa pintura e colocava essa frase, "*quien és esta niña*", que era daquela música da Madonna, "*who's that girl?*".

Acaba mexendo em um triângulo muito simbólico, homens–dinheiro–poder, e fica a pergunta sobre quanto o trabalho artístico das mulheres reflete essas relações.

Eu acho espantoso... Porque, bem, eu sempre faço uma coisa que é a seguinte: eu sempre olho numa exposição quantos homens há e quantas mulheres há. Por exemplo, teve uma na Polônia que era "Ódio e Amor à Lygia Clark", que aconteceu no mesmo período que a minha, que era "Arte Música". Tinha UMA mulher e dez caras. Agora estou fazendo uma residência da Red Bull Station e teve uma exposição com todos os participantes e eram 6 mulheres e 12 homens. Por que ainda há essas discrepâncias?! É porque a produção não é relevante? Não acredito muito. Mas, ao mesmo tempo, eu olho para as minhas colegas e elas não tem muito essa questão para elas.

Parece haver uma ilusão de democracia de gênero que até é compreensível porque hoje dificilmente tu vais sofrer preconceito diretamente por ser mulher –por exemplo, ser impedida de expor em um determinado lugar por ser mulher–, mas, ao mesmo tempo, os números são muito alarmantes e recentes. As Guerrilla

Girls têm aquele clássico que diz que 5% dos artistas do acervo do *Metropolitan Museum of Arts*, de Nova York, são mulheres, mas já existem vários outros números que comprovam estas diferenças. E, em termos mais gerais, o Brasil ficou em 82º lugar no relatório Desigualdade Global de Gênero, feito pelo Fórum Econômico Mundial, de 2009. Então, parece haver uma discrepância, embora a sensação seja outra.

Eu me lembro que quando eu tinha 20 e poucos anos, eu me deparei com vários namorados que eram super machistas, mas eu pensava “como assim, machismo não existe mais, a mulher já se emancipou!”. Mas eu era muito jovem, e depois eu fui vendo e tendo cada vez mais a certeza de que sim, existe. E em circuitos que se consideram super *undergrounds!* E eu também acho que muitos gays homens hoje são misóginos, ou seja, não estão interessados em questões feministas. Eu acho que isso é tanto ressentimento, é tanta homofobia, que é como se eles tivessem a necessidade de se fechar em grupo para se afirmar. Agora está mais em voga essa questão do *queer*, mas acho que o Brasil está engatinhando nessas questões no circuito das artes. Eu até tenho um pouco de medo – pode soar um pouco Regina Duarte, “Eu Tenho Medo” – mas tenho mesmo, de como isso pode ser incorporado na arte, nesse sentido de moda.

Ao mesmo tempo em que pode virar moda, pode haver uma repulsa pelo tema também. Por exemplo, mulheres que não querem participar de iniciativas feministas com medo de serem associadas à causa, ao discurso. A Ana Mae Barbosa fala em um texto sobre a exposição “Conexus: Artistas Mulheres, Brasileiras e Norte-Americanas em Diálogo”, e ela relata que foi muito difícil conseguir a participação de algumas artistas, pois estas não queriam ser associadas a uma exposição só de mulheres.

Sim, isso é muito importante. Uma coisa que eu queria fazer, mas que eu ainda não fiz, é criar vocabulário, porque ao falar “feminismo”, é referido um outro contexto que eu acho que não é exatamente o que deveria ser feito agora.

É, isso tudo vem do campo do discurso, porque é uma palavra já atravessada por interdiscursos e que já carrega consigo todo um emaranhado de significados.

É nesses momentos de crise, quando estão emergindo outros modelos e outras formas de lidar com o mundo, que fica essa transição – um momento muito interessante de se criar discursos. O artista precisa disso, de não apenas fazer um objeto, uma performance. Isso que eu estava falando: a coisa acontece no palco, mas também pode acontecer em um espaço discursivo. Eu acho que esse projeto de livro de entrevistas é um

pouco isso – trazer a performance, mas também o artista como um pensador que vai articular discursivamente isso.

Fala-se sobre a importância dos meios de comunicação para a difusão de novas políticas públicas e de atitudes que diminuam o cenário de desigualdade. Que papel tu vêes para esses meios de comunicação hoje na construção social da figura da mulher?

Vejo de forma um pouco complexa, porque pensar em mídia é, novamente, pensar vocabulário. O que é mídia, hoje? Há essa questão sobre o que as pessoas falam, e sobre o que a mídia fala, mas, por exemplo, esse caso da novela da Rede Globo – se a gente for pensar a “grande mídia” do Brasil – em que teve o beijo gay. As pessoas celebraram isso, mas eu também achei um pouco complicado. Para começar, são dois atores brancos, heterossexuais, representando dois gays. Acho que não fez muito sentido e acho que está muito longe de haver uma relação dos meios de comunicação com questão de gênero, porque o que se vende é o que está relacionado com a imagem da mulher. Todo o sistema capitalista está relacionado com a mulher como objeto de desejo – a gostosona que vai ser propaganda de um carro e o homem vai ser o provedor para gerir o desejo daquela mulher.

Ou ela vai ser a protagonista nos comerciais de produto de limpeza, de eletrodomésticos.

Sim, a heteronormatividade é a base do sistema capitalista. Ao mesmo tempo, há toda uma cultura gay que está sendo apropriada pela novela, pela mídia, mas como forma de cativar um novo público que vai consumir. Por exemplo, a novela da Carminha, que era pobre e virou rica – não havia nenhum rico na novela. Isso é um sintoma e mais um produto a ser consumido. “Vamos atingir a classe C”. Ok, eles vão lá e consomem a novela, vão consumir os produtos que estão ali. Agora os gays, vamos atingir os gays. A Suely Rolnik fala muito sobre isso, sobre a subjetividade que é construída como uma subjetividade flexível. Então eu posso ser mulher, posso ser homem, posso ser homossexual, posso ser o que eu quiser. O capitalismo se apropria disso. Quando eu fui nesse festival *queer*, um menino me perguntou “Você é heterossexual?” e eu falei “Sou”. E ele “Então o que você está fazendo aqui?”. Eu acredito que, no futuro breve, os heterossexuais vão perder espaço. Eu já sinto isso um pouco no ambiente em que eu convivo.

Uma crítica que se fez muito é em relação à responsabilidade da mulher perante a constituição familiar – ela acaba tendo que cumprir aquele papel “biológico” da maternidade, aquele percurso tradicional, casamento, filhos, etc.

Olhando para ti e para tua geração, neste contexto artístico, tu achas que essa “pressão” ainda existe?

Sim, existe. Primeiro de um lugar familiar. Por exemplo, quando a minha avó fez 80 anos, o meu tio fez um *Power Point* para homenagear ela. Então aparecia ela, depois a minha mãe e meu tio, e os filhos do meu tio. Estes meus primos são todos casados. Na hora de aparecer eu e a minha irmã, ele colocou uma foto nossa e uma foto da minha avó com uma cara de “Essas duas vão se encalhar!”, sabe? Eu não me ofendi; na hora eu pensei “Gente... essa pessoa só consegue me enxergar enquanto ser reprodutor”, como se a minha vida e o meu trabalho não tivessem nenhum significado. Então eu sinto isso de forma forte, apesar dos meus pais não terem isso e não me passarem isso.

Eu me vejo em uma luta muito grande, porque o meu trabalho veio muito junto com esse pensamento que eu comecei a elaborar, que realmente eu precisava ser feminista, sabe? E eu estava em um momento muito solitário, sem nenhuma relação há muito tempo. Quando eu fui para o Rio de Janeiro, eu fui numa psicóloga, uma terapeuta maravilhosa, fiz acupuntura, então, eu estava me cuidando para poder estar sozinha, sabe? Sem essa coisa de ter um namorado. Só que daí o que aconteceu? Eu fui fazer uma residência na Red Bull Station e fiz um trabalho em que eu chamei uma cartomante chamada Iracema. Eu pesquisei o nome dela e vi que vinha do romance do José de Alencar, *Iracema*, e é um anagrama da palavra “America”. E o romance é a história de uma índia que se apaixona por um estrangeiro colonizador e, enfim, é uma tragédia. E, na Red Bull, eu chamei ela para falar sobre o futuro do centro de São Paulo e o futuro da minha vida amorosa.

O futuro do centro de São Paulo?

É, porque a Red Bull é em um prédio bem no centro, então é super gentrificação. Eu não conseguia não falar sobre aquilo, estando ali. E ela falou sobre isso e falou que eu ia me casar com uma mistura de raças, que ele era um estrangeiro e que ele iria ser o pai dos meus filhos. A ideia era fazer músicas a partir do que ela falou, “Lado A, Lado A”, sem Lado B, como se só tivesse *mainstream*, sabe, o *underground* capturado, só lado A no disco. Então eu fiz uma música e cantava “eu vou me casar / eu vou me casar”. E eu ficava “Gente... olha o que eu estou falando, que eu vou me casar!”. Mas eu falava “Ela que falou!”. Daí o que aconteceu? Veio se hospedar aqui em casa um amigo meu que é metade boliviano e metade alemão. A gente acabou transando, se apaixonando, e a gente vai se casar.

Como assim?

Assim, aconteceu. Ela falou, e aconteceu. Ele está lá em Berlim e agora ele vem para cá. Então, isso na minha vida agora está uma grande loucura. Ele é um cara que trabalha com Teoria *Queer*, ele pesquisa Hélio Oiticica. Então é louco porque estamos no meio

disso, dessa coisa *queer*, com essa grande questão de gênero, do amor livre, etc. Essa questão está muito presente para mim, de que agora eu vou ter esse casamento.

Mas falando sério, tu não achas que isso foi influência do que a cartomante falou?

Na verdade, ela é uma vidente. Eu acho que ela conseguiu ver que isso ia acontecer. Ela falou que ele era uma mistura de raças. E a primeira vez que eu fui lá, ela disse: “Tu trabalhas com público, diretamente com público, olhando para o público”. Ela é muito sensível e acho que ela captou uma coisa que ia acontecer. Há toda essa questão de um futuro, que sempre se imagina que a gente vai se casar, que esse vai ser o grande final, a coisa que deu certo na vida. Também tem a Macabéia, do livro *A Hora da Estrela*, da Clarice Lispector, que quando enfim vai casar, acaba morrendo. Então eu incorporei isso no projeto e agora o meu projeto é o que está acontecendo na minha vida. Para mim, isto está um grande conflito, porque me pergunto qual é o lugar da relação do casal. A minha experiência de casal nunca foi interessante, sempre pessoas machistas ou que fugiam. Então agora estou querendo pensar, como *Lady Incentivo*, novas formas de amar. Mas é muito complicado, em relação àquilo que tu perguntaste sobre a expectativa da mulher que vai casar. Tem muito preconceito contra mulheres que estão solteiras e optam por isso, mas também tem esse outro lado do preconceito contra a mulher que está casada!

E parece ser uma questão que atinge certamente as mulheres, porque um cara pode ser considerado bem sucedido na vida só com uma carreira sólida de sucesso, mas uma mulher só com carreira parece que não atingiu tudo, e às vezes acho que as próprias mulheres pensam isso.

Sim, como se houvesse um problema com ela. Tem uma poetisa chamada Angélica Freitas que escreveu que “O útero é do tamanho de um punho”. Neste livro, tem uma série de três poemas feitos com o auxílio do Google. Ela colocou no Google: “A mulher vai...” e aparece ali uma série de sugestões para completar aquilo, então é como se fosse uma genealogia do que as pessoas estão pensando que a mulher vai fazer. E eu fiz uma música a partir disso, um tecnobrega que é assim: “A mulher vai ao cinema / a mulher vai aprontar / a mulher vai sentir prazer, vai se arrepender até a última lágrima / A mulher pensa na carreira antes de ter filho / ela quer engravidar, se dedicar”. Então são todas essas questões com as quais, apesar do trabalho do feminismo de séculos, a gente ainda se depara. É muito constitutivo, no sentido de construído culturalmente. Ao mesmo tempo tem essa questão biológica da procriação.

Eu estava lendo uma reportagem em um suplemento para mulheres de um jornal aqui de Porto Alegre, que é normalmente superficial, mas que, desta vez, trazia

uma matéria com mulheres que optaram por não ter filhos. Eu fiquei chocada quando uma das mulheres entrevistadas disse que era tão desgastante ter que explicar para as pessoas que ela simplesmente não queria ter filhos que então ela começou a dizer que era estéril. Então as pessoas a deixavam em paz e aceitavam com mais tranquilidade. Isso me impressionou muito, justamente pelo fato de, às vezes, a gente se iludir sobre o fato de não ser julgada por essas escolhas.

E, ao mesmo tempo, acho também que tem uma coisa hoje de se vestir de mulher. Parece que todo mundo quer ser mulher; a mulher como um devir. Eu penso que no futuro vai ter o devir homem – o homem nunca é o devir porque ele está sempre em um lugar de poder. Mas eu vejo cada vez mais o homem branco em crise. Eles sempre tiveram esse papel de provedor da família, e como a mulher já não precisa disso, ele não tem muito essa questão resolvida. Essa coisa das mulheres se vestirem como homem já existe há muito tempo – a própria Chanel tinha toda uma coisa com a moda de cortar o cabelo curto. A mulher já está assim há um tempão! E agora parece que está na hora do homem fazer isso.

Tu te aproprias do glamour?

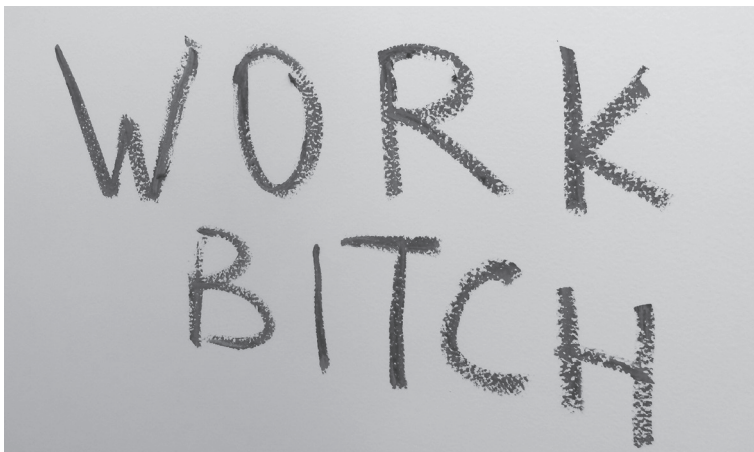
Eu tenho dificuldade de produzir minha imagem enquanto cantora porque não quero estar no lugar da gostosa, nem no da funkeira. Sofro um pouco por ser branca, aquela imposição “o que ela, que é branca, dessa classe social, está fazendo cantando funk?”. Como se eu não pudesse me envolver naquilo. Eu não gosto do glamour, eu gosto dessa coisa suja. Gosto de poder ser feia. Mas é curioso, por exemplo: a piriguete é a mulher do momento; já tem a apropriação dessa estética do perigo – piriguete vem do perigo, a mulher que vai gerar o perigo. Mas eu tenho uma parente que é muito rica e ela anda com todo esse vestuário que é considerado de piriguete, e ela tem 18 anos. Fica essa questão de o que é glamour, hoje em dia. Essa fronteira está super tênue.

O humor e a paródia aparecem no teu trabalho como estratégias para falar de um tema político?

Eu uso muito o humor, mas as pessoas têm dificuldade de ver o humor como uma coisa séria. Como se para eu falar de alguma coisa e para ter uma certa importância, eu tivesse que ter um discurso sério, sem essas descontrações. Mas o humor desconstrói muitas coisas. Atualmente, a nossa sociedade usa muito isso, na Internet qualquer coisa que acontece vira uma piada, um *memé*. É uma capacidade de tu teres outro tipo de raciocínio sobre o que está acontecendo. A paródia eu acho importante, mas, ao mesmo tempo, tenho pensado muito sobre fazer algo que não seja paródia; tenho tido vontade de fazer coisas mais afirmativas.

E como foi a aproximação com a DASPU?

Foi através de uma amiga, a Elaine Bortolanza, que pesquisa sobre questões da prostituição no doutorado, sobre a Gabriela Leite, que foi a fundadora da DASPU. E assim eu fui me envolvendo e comecei a achar muito interessante a puta como afirmação – eu quero ser puta e vou ser. E tem toda uma reflexão que a Gabriela Leite fez de legitimação da profissão, que é super importante e que ela já vinha fazendo há anos no Brasil. Então ela teve câncer, ficou muito doente e morreu. Nós fomos fazer uma homenagem para ela na Estação da Luz, com o Pessoal do Faroeste, uma companhia de teatro. A Praça da Luz é um reduto de prostituição, há prostitutas mais velhas lá. E tem um buraco lá, onde ficava uma torre, que era conhecida por ser o lugar onde as mulheres iam trair seus maridos. Eu não sei te dizer em que ano, mas um prefeito de São Paulo descobriu que a mulher o traiu e mandou derrubar essa torre. Ficou um buraco, e lá foi feita essa performance em homenagem à Gabriela Leite. Eu fui com um megafone cantar, o Laerte também estava por lá. É algo que me interessa muito, pensar a relação da prostituição com o mundo, poder ser uma puta. O quanto o nosso corpo não está formado nessa estrutura de ser certinha, de ter o desejo sexual regulado, etc. Um homem é que vai me desejar. O Laerte falou uma coisa incrível, que a palavra prostituta significa “estar à frente”. Na Red Bull Station, eu fiz um trabalho nesse sentido, com essa reflexão sobre o se prostituir. Eu escrevi umas frases no banheiro, entre elas *WORK BITCH*, que é uma música da Britney Spears, nessa ideia de que quando tu estás trabalhando por alguma coisa, tu estás prostituindo o teu corpo. Se tu vais ficar 8 horas por dia sentada em uma cadeira e trabalhando para uma empresa, o teu corpo está ali, tua vida está ali. E por que uma prostituta não pode trabalhar com o corpo, já que o corpo é dela e se ela sente prazer com isso?



Frases escritas com batom e canetas diversas em paredes do banheiro da Redbull Station | 2013